

O presidente e o piloto: a Companhia Aérea Estados Unidos entre a *virtú* a *fortuna*

The president and the pilot: The United States's Airline Company between virtú and fortuna

ANTONIO LASSANCE*

Meridiano 47 n. 102, jan. 2009 [p. 15 a 17]

Na semana que antecedeu a posse do presidente Barack Obama, os americanos viram e comemoraram a arte do impossível: o pouso do Airbus vôo 1549 sobre o Rio Hudson. Todos se salvaram. Eles estavam a bordo de um avião da companhia aérea Estados Unidos (US Airways). O evento, inconscientemente, revela o estado de espírito do povo americano diante da mais grave crise que sobre ele se abateu desde a de 1929. Ao encararem o desastre e a iminência de mergulharem na escuridão, eles aguardam que um piloto de nome Barack Obama, que tem em suas mãos um avião com sérios problemas, faça o que deve ser feito, mas demonstre absoluta habilidade para evitar o pior e os conduza sãos e salvos à saída desse momento crítico.

Embora o estado de espírito seja o mesmo, as diferenças entre ambas as situações são grandes. Primeiro, porque é mais fácil pousar um avião lotado e sem motores sobre o rio Hudson, à noite, do que tirar os americanos rapidamente, sãos e salvos, da crise em que se encontram.

Chesley Sullenberger, o piloto do Airbus, foi oficialmente convidado para a posse. Tem 57 anos, é mais parecido com o ex-presidente Eisenhower do que com Barack Obama, foi piloto de caça da Força Aérea e, ante uma situação adversa, foi ajudado por uma combinação de fatores positivos: havia poucas embarcações próximas, facilitando que não houvesse uma colisão. A mais próxima delas, por outro lado, foi essencial para que os sobreviventes não morressem congelados.

Diferente é a sorte de Obama. Ele é um presidente jovem, um político de carreira meteórica (portanto, de experiência recente) e encontra-se sob uma combinação de fatores críticos. Se o pior momento da crise tiver sido mesmo o da quebra do banco Lehmann Brothers, em setembro de 2008, os piores impactos começam a ser sentidos agora, ao atingirem em cheio a economia real e tornarem mais ampla a ameaça de desemprego. Agregue-se a isso a escalada da violência no Oriente Médio, que recoloca a agenda do terror em patamares elevados, mais do que o novo governo americano esperaria, diante de sua necessidade de concentrar-se plenamente em debelar a crise econômica.

Tanto a situação com que se defrontou o piloto como a que se defronta Obama trazem de volta a clássica recomendação ao Príncipe, proposta por Maquiavel, de uma combinação entre virtú e fortuna. A virtú relaciona-se não com a necessidade de fazer o certo, mas de fazer certo; não de se fazer o bem, e sim de se fazer bem-feito. A fortuna também é necessária. E não se trata apenas de sorte. É a oportunidade. Ela só existe para os que sabem aproveitá-la ou, se elas não estão dadas, para os que sabem criá-las.

Outra diferença entre Obama e o piloto está justamente aí: o piloto aproveitou bem uma oportunidade que surgiu diante de si. O trabalho do novo governo dos Estados Unidos é mais complexo: as oportunidades ainda precisam ser criadas.

Uma das oportunidades de Obama consiste em que a imagem que criou foi tão eficiente que, além

* Doutorando em Ciência Política pela Universidade de Brasília – UnB (lassance@unb.br).

de permitir que ele ganhasse a eleição, ampliou o espaço democrata no Congresso e tem sido capaz de manter uma expectativa muito elevada sobre suas boas intenções. Há uma torcida para que o governo de Obama dê certo, tanto porque se quer sair da crise o mais rapidamente possível, quanto pelo que ele representa para a política dos EUA.

Todavia, os primeiros passos do governo Obama, traçados desde sua transição com Bush, revelam um político pragmático e que tem cumprido claramente as tarefas de virtú maquiavélica. Seu período de transição encerrou-se cumprindo três objetivos básicos: 1) estabelecer a agenda prioritária; 2) montar a equipe de governo; 3) registrar e dimensionar a “herança maldita” do governo anterior.

A agenda prioritária tem cinco pontos: revitalizar a economia, dar fim à guerra no Iraque, prover assistência à saúde para todos, proteger a América e renovar a liderança global dos Estados Unidos. Eis, portanto, a lista de oportunidades que se pretende criar. De longe, o primeiro ponto deve consumir a maior parte do tempo e dos recursos do novo governo.

A maneira como a agenda tende a ser implementada tem estreita relação com a equipe escolhida. Obama cercou-se do “pessoal de Washington”, políticos e burocratas com longa experiência em Governo e Congresso. Na corrida contra o tempo, em um país que, a cada dois anos, tem eleições para a Câmara dos Deputados, a aposta de Obama é que a experiência de seus colaboradores se transforme em rapidez na aprovação congressual e na implementação de suas políticas. Há também a expectativa de se contar com o apoio da burocracia sediada em Washington, que votou em peso em Obama.

O perfil da equipe revela uma opção conservadora (analisada em detalhes no artigo do jornalista Bernardo Kucinski, “Uma ambiguidade chamada Obama”, no portal Carta Maior, 8/1/2009). Embora contraste com os apelos de mudança que fizeram parte do slogan vitorioso, o fato é que a própria campanha de Obama fez questão de se afastar de posições mais ousadas em temas como política externa, economia e mesmo direitos civis.

Como compatibilizar essa aparente ambiguidade? Com mudanças que tenham como referencial o

governo Bush. Aí, torna-se fácil mudar, mas sem que isso represente transformações de fundo. Espera-se a volta de uma diplomacia mais multilateral, dado o próprio desgaste da estratégia isolacionista americana. A proibição do uso dos métodos de tortura deve se efetivar e o vice-presidente Biden não deve fazer como Dick Cheney, que defendeu tais métodos com unhas e dentes. Os Estados Unidos podem retomar a proposta capitaneada por Gore, encaminhada por Clinton e recusada por Bush de compromissos com a redução das emissões de gases de efeito estufa. Um dos argumentos usados por Bush para não assinar o Protocolo de Kyoto, o de que isso afetaria a economia americana e reduziria o crescimento, já está em curso e facilitaria a mudança de posição dos EUA. Questões históricas e de forte carga simbólica, como Guatânamo, também podem ajudar a criar rápidas sensações de mudança, sobretudo nos primeiros 100 dias.

Assim sendo, a única mudança de peso e inédita seria a montagem de um sistema de saúde amplo e acessível. Há muita literatura em políticas públicas explicando o porquê do atraso americano nesta área e há sérias suspeitas de que é tarde demais para montar um sistema que leva décadas para ser estruturado. Por melhor que seja a proposta a ser definida sob o comando do secretário de Saúde Tom Daschle e toda a sua experiência de ex-senador para fazê-la passar no Congresso, é de se perguntar de onde sairão os recursos para estruturar o sistema de forma tão abrangente e acessível como a prometida: reduzindo recursos do esforço de guerra ou dos pacotes de ajuda para recuperar a economia? A opção possível parece ser a primeira, mas a permanência de Robert Gates como secretário de Defesa mostra que a saída do Iraque e o fim da “missão” no Afeganistão (como se diz no portal da transição, change.gov) serão lentas, graduais e restritas.

A maneira de contrabalançar as expectativas diante das dificuldades foi meticulosamente trabalhada por Obama nas duas semanas que antecederam sua posse. Ele recusou-se a chancelar decisões do governo atual e traçou um quadro ainda mais grave dos problemas a serem enfrentados. É o que por aqui conhecemos como “herança maldita”. O déficit orçamentário previsto 2009 chega a 1,2 trilhão de dólares

e a dívida pública deve chegar aos 10 trilhões, cerca de 10% do PIB americano, abaixo apenas do recorde de 20% do período de guerra. O desemprego deve ser o maior desde 1983 e Obama alertou para o risco de que se ultrapasse os dois dígitos. Com problemas dessa magnitude, o quadro para a presidência de Obama é grave, mas não desesperador. Para o ano de 2009, a mudança a ser promovida será principalmente o contraste com a administração anterior. Pode ser a oportunidade para uma afirmação dos democratas similar à que Roosevelt fez em relação ao governo Hoover, a partir de 1933. Porém, o efeito do contraste dificilmente dura mais de um ano. Em 2010, Obama já será cobrado sobre os efeitos de seu pacote de recuperação econômica e quanto aos resultados de sua estratégia para o Iraque, Afeganistão e todo o Oriente Médio. A partir daí, o povo americano estará verdadeiramente interessado em saber se o piloto em Washington mostrou seu talento sobre o Potomac.

Recebido em 19/01/2009
Aprovado em 20/01/2009

Palavras chaves: Estados Unidos, Barack Obama, Política Externa

Key words: United States, Barack Obama, Foreign Policy

Resumo: o artigo trata da herança desfavorável recebida pelo Presidente Obama. Assim, analisa os desafios como o de providenciar um sistema de saúde à população e o de alterar a política externa.

Abstract: the articles discusses the unfavourable inheritance received by President Obama and it analyses the challenges such as of establishing a health system and of changing the foreign policy.

